



BOLETIM DE COMÉRCIO  
EXTERIOR DA BAHIA  
OUTUBRO 2024

## Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2024, 3

### Importações, 7

#### Apêndice A – Outubro 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela VI – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela VII – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela IX – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela X – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela XII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XVI – Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIX – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XX – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

#### Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Outubro 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela X – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XIV – Importações nordestinas por estado
- Tabela XV – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVI – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XVIII – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos



#### Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

#### Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

#### Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

#### Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

#### Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

#### Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Lázaro Enzo Lima Barbosa (estagiário)

#### Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

#### Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

#### Coordenação de Produção Editorial

##### Editoria de Arte

##### Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

#### Revisão Ortográfica

2Designers

#### Editoração

Alderlan Oliveira

# Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2024

Ao contrário do que ocorreu nacionalmente, quando as vendas externas recuaram 0,74%, as exportações baianas em outubro cresceram 4,5%, comparado a outubro de 2023, atingindo US\$ 1,14 bilhão, representando o maior valor para o mês em toda a série histórica.

O crescimento foi impulsionado pelos preços, que subiram na média 6,5%, já que o volume embarcado caiu 1,8% no mês passado. Entre os destaques dos produtos que tiveram aumento nos preços médios, no comparativo interanual, estão a celulose, ouro, mine-rais, derivados de cacau e café. Juntos, esses segmentos representaram 31,4% do valor total exportado no mês, sendo decisivo para o resultado positivo.

Nos primeiros dez meses do ano, as exportações somaram US\$ 9,81 bilhões, 6,7% acima de igual período do ano anterior. A despeito da queda de preços da soja e seus derivados, principal segmento da pauta de exportações do estado, que também atravessa seu período de entressafra, os preços médios dos produtos exportados pela Bahia, em sua totalidade, variaram positivamente 6,7% em média, mais que compensando a estabilidade no volume embarcado no período, que foi positivo em apenas 0,04%. A comparação é sempre com o mesmo período do ano anterior.

As exportações para a China, principal destino dos produtos baianos, aumentaram 8,7% em outubro em relação ao mesmo mês do ano anterior. Já as vendas totais para a Ásia subiram apenas 0,38%. Na mesma base de comparação, as vendas para a América do Norte subiram 50,7%, índice puxado pelo aumento das vendas para os EUA, que cresceram 39,4%. Entretanto, a participação da China foi de 34,1%, enquanto para os EUA chegou a aproximadamente 10% no mês. Para a América do Sul, as vendas caíram 27,4%, e para a União Europeia subiram 25,6%, com destaque para a Espanha com um aumento de 536,2%.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia  
Jan.-out. 2023/Jan.-out. 2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %
Exportações	9.192.784	9.810.362	6,72
Importações	7.462.702	9.288.402	24,46
Saldo	1.730.082	521.960	-69,83
Corrente de comércio	16.655.487	19.098.763	14,67

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 nov. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>.  
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).  
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A economia global corre o risco de ficar presa em um caminho de baixo crescimento e alta dívida, o que prejudica o investimento necessário no combate de desafios de longo prazo, como as mudanças climáticas. Apesar do crescimento resiliente da economia global, apresentado recentemente pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), espera-se que a economia global cresça 3,2% este ano e desacelere para 3,1% de crescimento anual em cinco anos, representando a pior perspectiva de médio prazo em décadas.

Com a eleição de Donald Trump, de volta à Presidência dos EUA a partir de 2025, essas projeções são reforçadas. Uma das principais preocupações para o comércio exterior com Donald Trump é o prometido aumento geral no imposto de importações, que pode resultar em redução no volume de comércio global, desvalorização cambial e mudança no fluxo de capital, com investimentos que migrariam com mais intensidade para o território americano.

Há quem receie que as medidas protecionistas provoquem espiral de tarifas e retaliações, embora ainda não se saiba o que foi “barulho” de campanha e o que será a administração de fato de Trump.

Em 2018, o então presidente Trump começou a adotar uma série de tarifas e outras barreiras ao comércio exterior, voltadas principalmente, mas não somente, contra a China. O presidente Joe Biden manteve boa parte das tarifas de Trump e ampliou as restrições ao comércio com a China.

Trata-se de uma estratégia que visa conter o avanço econômico e tecnológico chinês e trazer de volta para os EUA a produção industrial, os empregos e a renda perdidos nas últimas décadas, especialmente em produtos estratégicos para a economia e a defesa, como os chips.

A trajetória do comércio exterior americano indica que isso é mais fácil prometer do que fazer. O déficit comercial, que em 2016 foi de US\$ 503 bilhões, atingiu o recorde de US\$ 951 bilhões em 2022. Apenas em 2023 houve queda importante, para US\$ 773 bilhões, ainda assim o segundo maior valor da história.

Agora, Trump vem falando de aplicar uma sobretaxa de 60% nos produtos importados da China, e de 10% a 20% nos produtos dos demais países. Outra proposta

de Trump é a de reciprocidade de tarifas, isto é, os EUA aplicariam a um país as mesmas tarifas que esse país aplica aos EUA. Isso afetaria diretamente o Brasil, que adota uma das alíquotas médias mais altas do mundo.

Se aplicadas, essas propostas seriam disruptivas para o comércio mundial e poderiam prejudicar a própria economia americana. Mas faltam muitos detalhes. Por exemplo, há bens intermediários, como componentes eletrônicos, baterias, produtos químicos e tecidos, para os quais quase não há muita alternativa fora da China. Uma tarifa de 60% elevaria dramaticamente o custo para as empresas americanas, que ficariam em desvantagem em relação a concorrentes de outros países. Além disso, as tarifas poderiam elevar a inflação nos EUA.

Trump já disse preferir tarifas a subsídios para trazer a produção de volta aos EUA, mas não deixou claro se vai revogar todos os programas de subsídios de Biden, incluindo o de chips ou só aqueles relativos à economia verde.

Além da China, o México tem se tornado um alvo preferencial do protecionismo americano. No seu governo, Trump forçou uma revisão do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta). Já Biden buscou evitar que fabricantes chineses driblem as restrições americanas por meio da produção no México, o que tem gerado protestos do governo mexicano. Trump recentemente vem disparando ameaças ao setor automotivo mexicano, ameaçando aplicar tarifas de “200%, 500%, não importa”.

Mas todos os países com elevado superávit comercial com os EUA devem se preocupar com essa a contínua guinada protecionista em Washington. Isso inclui, além de China e México, a União Europeia, o Japão e o Canadá.

Quanto à Organização Mundial do Comércio, ela deve permanecer no estado zumbi em que se encontra.

Para especialistas, a relação entre China e EUA continuará marcada pela intensa disputa geopolítica e pode ganhar um tom de “imprevisibilidade”. O Brasil deve manter a busca do equilíbrio entre as duas maiores economias do mundo.

Ao mesmo tempo em que medidas de proteção comercial podem prejudicar exportações intrafirmas brasileiras, que existem em razão do estoque de investimentos americanos no Brasil, o maior entre os estrangeiros, a disputa sino-americana deve ter efeitos heterogêneos nos embarques brasileiros.

Pode continuar beneficiando a exportação de produtos da agropecuária, apontam especialistas, ainda que o aumento do protecionismo não seja considerado o melhor cenário para o comércio internacional.

Na questão da taxa geral prometida por Trump, se a medida for homogênea para todo mundo, o efeito que ela terá no comércio global é tornar as importações americanas mais caras. Há setores brasileiros ainda afetados pelas medidas baixadas por Trump em seu primeiro mandato, caso dos setores de aço, alumínio e cobre.

Um aumento generalizado da tarifa de importação pode afetar produtos manufaturados exportados pelo Brasil. Há muita exportação intrafirma relacionada aos investimentos americanos no Brasil e isso, mais uma vez deve ser dito, poderá ser prejudicado.

Os EUA são o país com mais investimento estrangeiro no Brasil, com estoque de US\$ 228,8 bilhões em 2023, segundo o Banco Central. Obviamente, o aumento do protecionismo não é bom para ninguém. No final, todos vão sair perdendo, mas os efeitos são heterogêneos entre as diversas cadeias.

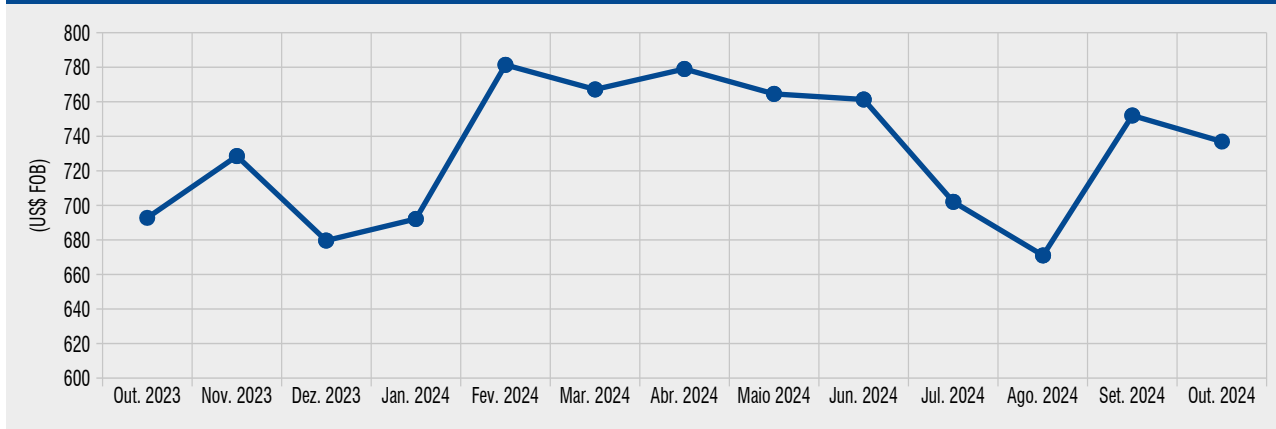
No aspecto político, a eleição de Trump tende a ter um impacto mais negativo para o governo brasileiro. O republicano tem uma agenda que antagoniza com as prioridades do presidente Lula, e sua volta à Casa Branca pode colocar fim às visões convergentes existentes hoje entre a administração federal do Brasil e a dos EUA. Trump já demonstrou preferência por uma agenda de política internacional que é antagônica à visão do atual governo do Brasil. É uma agenda anti-climática, antimultilateralista e antirreforma das organizações internacionais, em particular da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Mais e mais a OMC vê evidências de fragmentação do comércio ligado a preocupações geopolíticas. Exportações e importações são crescentemente feitas entre países “*like-minded*” (compartilham certos

valores comuns), uma tendência acelerada pela guerra na Ucrânia. Ao mesmo tempo, a entidade não constata ainda uma mudança mais ampla em direção à regionalização ou “*near-shoring*” (deslocar a produção para a mais perto).

A preocupação, portanto, aumenta com os planos de governo de Donald Trump a partir de janeiro. O unilateralismo mais agressivo de Trump pode conduzir a uma desordem econômica maior, e ser acompanhada por extremismo político e guerra.

**Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Out. 2023-Out. 2024**



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 21 nov. 2024.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em outubro oscilaram positivamente em relação a igual mês de 2023 (6,3%), mas voltaram a registrar declínio de 2% quando comparados a setembro último. No acumulado até outubro, no comparativo interanual, o aumento médio foi de 6,7%, com tendência declinante.

A desvalorização do real em relação ao dólar nas últimas duas semanas de outubro ajudou a estimular as vendas de algumas *commodities* agrícolas baianas como soja, café e algodão. Para 2025, a expectativa é de que a moeda americana siga valorizada, tornando os preços das *commodities* em real favoráveis para a exportação.

Em relação à soja, nosso principal produto de exportação, a safra cheia e estoques elevados nos maiores países produtores (EUA, Brasil e Argentina) terão mais peso que o câmbio na formação de preços até o primeiro trimestre de 2025, quando há colheita da safra sul-americana. Estima-se que a soja em Chicago, gire em torno de US\$ 10 o bushel, com queda nos prêmios da soja no Brasil para até 50 pontos-base negativos por saca.

Nesse cenário, o dólar acima de R\$ 5,50 deve ajudar aos exportadores. O relatório Focus do Banco Central projeta um dólar em 2025 de R\$ 5,43, na média, e de R\$ 5,50 no fim de 2024.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-out. 2023/Jan.-out. 2024

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2023	2024			
Soja e derivados	301.417	324.086	7,52	28,52	-19,41
Papel e celulose	101.906	155.207	52,30	13,66	29,07
Petróleo e derivados	285.100	122.567	-57,01	10,79	-10,20
Algodão e seus subprodutos	105.220	108.168	2,80	9,52	-9,01
Químicos e petroquímicos	52.939	94.504	78,51	8,32	-7,01
Metais preciosos	44.236	64.864	46,63	5,71	114,41
Minerais	29.970	56.666	89,07	4,99	232,29
Cacau e derivados	19.806	48.126	142,98	4,24	146,75
Frutas e suas preparações	50.383	47.293	-6,13	4,16	-6,32
Café e especiarias	18.132	31.829	75,54	2,80	49,47
Metalúrgicos	17.225	21.622	25,52	1,90	-22,27
Borracha e suas obras	14.617	19.357	32,42	1,70	24,01
Calçados e suas partes	5.515	7.934	43,86	0,70	4,55
Couros e peles	2.653	5.764	117,30	0,51	41,94
Sisal e derivados	4.524	4.962	9,67	0,44	16,12
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	1.283	3.586	179,49	0,32	73,17
Carne e suas miudezas	3.132	2.629	-16,05	0,23	3,15
Fumo e derivados	1.915	2.145	12,04	0,19	-47,71
Demais segmentos	27.308	15.050	-44,89	1,32	-33,83
<b>Total</b>	<b>1.087.281</b>	<b>1.136.358</b>	<b>4,51</b>	<b>100,00</b>	<b>6,46</b>

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 nov. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>.  
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

As exportações do agronegócio baiano, em 2024, devem se manter um pouco acima do patamar do ano passado, em torno de US\$ 6,2 bilhões, e tem por base os seguintes fatores: queda média de 16,2% nos preços de exportação da cadeia da soja (grão, farelo e óleo) nos dez primeiros meses do ano, pressionados pelo aumento da oferta global; a menor quebra da safra do grão, estimada em apenas 34 mil toneladas, que não chegou a reduzir a oferta para exportação; aos bons números da celulose, que cresceram 21,3% no comparativo interanual até outubro; além do bom volume dos embarques de algodão, que subiu 73,3% no período, alavancado por uma safra recorde estimada em 1,77 milhão de toneladas.

No ano, até outubro, as vendas externas baianas do agronegócio somaram US\$ 5,58 bilhões, 21,8% acima do obtido no mesmo período em 2023. Os números

resultaram do aumento de 4% no índice de preços do setor, e de um crescimento de 17,1% no volume comercializado, o que não deixa de ser um bom desempenho ante o cenário de queda dos preços das *commodities* no cenário mundial.

O volume exportado de soja em grão, historicamente maior item da pauta baiana, cresceu 22,7% de janeiro a outubro, compensando a queda nos preços que chegaram a 16,2% em comparação ao mesmo período de 2023. No final, as receitas do complexo soja tiveram incremento de 2,8% no período. A China, que responde por 72% das vendas externas da soja baiana, ampliou suas importações em 6%, mas a um preço 20% abaixo do valor de 2023. Ainda assim, a demanda se manteve em patamares inferiores ao previstos, devido aos grandes estoques chineses e ao aumento das vendas do grão produzido na Argentina.

Reflexo da economia mais aquecida, as importações vêm crescendo desde março deste ano. A alta das importações em outubro não é isolada e segue tendência que ficou mais clara desde o segundo trimestre, a despeito da maior depreciação do real frente ao dólar no decorrer do segundo semestre, na comparação com a primeira metade do ano. As importações baianas em outubro totalizaram US\$ 955,5 milhões, com alta de 39,6% ante o mesmo mês do ano passado.

A evolução mostra que a alta em outubro não é pontual, mas vem de tendência consistente nos últimos meses, embora concentrada na categoria de combustíveis. A categoria cresceu 128,3% em outubro, 84% no terceiro trimestre e 78% no acumulado do ano, sempre puxada pelo aumento do volume desembarcado que cresceu 56,7% até outubro, enquanto que os preços médios subiram bem menos no período: 13,5%.

No ano, as importações totais da Bahia acumulam US\$ 9,29 bilhões, com crescimento de 24,5%, quase quatro vezes o aumento das exportações no período.

Esse aumento do valor importado vem puxado principalmente pelo fator quantum e acompanhado de queda de preços. Enquanto, no acumulado do ano,

contra iguais meses de 2023, o volume total importado aumentou 35,6%, os preços médios caíram 8,2%. A quantidade importada se acelera independentemente da depreciação do real frente ao dólar. Os dados indicam que parte desse custo foi amenizado via queda de preços em dólar, resultado de provável negociação entre importador e fornecedor.

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-out. 2023/Jan.-out. 2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	4.561.748	4.557.611	-0,09	49,07
Combustíveis e lubrificantes	2.360.932	4.200.134	77,90	45,22
Bens de capital (BK)	412.197	399.733	-3,02	4,30
Bens de consumo (BC)	124.604	130.012	4,34	1,40
Bens não especificados anteriormente	3.221	911	-71,71	0,01
<b>Total</b>	<b>7.462.702</b>	<b>9.288.402</b>	<b>24,46</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 nov. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

